

# Cristianismo evangélico, sociabilidade violenta e periferia no Rio de Janeiro: algumas considerações

## Notes on Evangelical Christianity, Violent Sociability, and Rio de Janeiro's Urban Periphery

Silvio Pedrosa  
Rede Universidade Nômade  
shgpedrosa@gmail.com

**Enviado:** 1 octubre 2021 | **Aceptado:** 1 diciembre 2021

### Resumo

O presente artigo tenciona apresentar algumas considerações sobre a atual conjuntura política e social do Brasil, enfatizando uma perspectiva que leva em conta a centralidade das periferias metropolitanas na vida social do país. A presença e influência do cristianismo evangélico – em ascensão demográfica, cultural e política –, bem como de novos padrões de sociabilidade constituídos e irradiados a partir da dinâmica social decorrente dos conflitos violentos entre as forças policiais e militares e facções do crime organizado (principalmente aquelas vinculadas ao tráfico de drogas ilegais e milícias paramilitares) são considerados vetores explicativos indispensáveis na compreensão da realidade social contemporânea do país e são lidos desde a experiência (auto)etnográfica do autor enquanto professor no Complexo do Chapadão, na periferia do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Evangelismo, cristianismo, periferias urbanas.

### Abstract

This article presents some considerations about Brazil's current social and political context by emphasizing a perspective that takes into account the importance of urban peripheries in the country's social life. I consider the presence and influence of evangelical Christianity –in demographic, cultural, and political ascension– as well as new patterns of sociability constituted and disseminated from the social dynamic that stem from the violent conflicts between police and military forces and factions of organized crime (particularly those linked with illegal drug trafficking and paramilitary militias) as indispensable explanatory vectors to understand the country's contemporary social reality. I read these vectors from the point of view of my (auto)ethnographic as a teacher in the Complexo do Chapadão, in the periphery of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Evangelism, Christianity, urban peripheries.

Nos últimos anos virou quase um lugar comum das discussões sobre o Brasil iniciar-se pela pergunta, geralmente perplexa, sobre como foi possível que tenhamos chegado ao ponto em que nos encontramos – e esse ponto pode ser resumido, em meados de 2021, na seguinte situação: quarenta por cento dos brasileiros apoiam um governo negacionista no momento mesmo em que o número de mortos oficiais ultrapassa os 500 mil. Excluídos os vitoriosos de cada momento, todos aqueles que foram politicamente derrotados de alguma maneira já se perguntaram onde tudo se desencaminhou e nos trouxe até essa realidade inimaginável há dez anos. E, apesar de as respostas variarem, elas tampouco são capazes de aplacar a perplexidade dos que se perguntam sobre a situação do país. Saber a resposta para essa questão nacional não apazigua as consciências, ainda que forneça um rol de culpados a quem se pode responsabilizar, talvez o esporte mais praticado pelos círculos intelectualizados brasileiros nos últimos tempos.

Assim, enquanto a esquerda hegemônica maldiz as manifestações de junho de 2013 como o “ovo da serpente” ou amaldiçoa as manifestações que demandaram o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff entre 2015 e 2016 e a direita liberal tradicional lamenta, ainda uma vez mais, a inaptidão do brasileiro para o voto (prática que a esquerda também passou a exercitar em pleitos recentes) – para ficar apenas em alguns exemplos de uma lista que é, sem dúvida alguma, muito mais extensa –,<sup>1</sup> há algumas ideias-força que vão se tornando cada vez mais sólidas. Uma delas é de que a saída para nossos problemas está nos pobres, nas minorias e nas periferias. Ela pode ser vista seja nos discursos públicos de lideranças e intelectuais públicos ou mesmo em campanhas de marketing cada vez mais penetradas pelos discursos dos primeiros. Uma outra ideia, bastante difundida sobretudo entre os setores progressistas, é a de que um grupo sociorreligioso específico corresponde a silhueta perfeita do culpado pela nossa tragédia: os *evangélicos*.

Longe de me opor às constatações de líderes políticos progressistas e mesmo liberais, intelectuais públicos e ao marketing empresarial contemporâneo sobre a importância dos pobres, das minorias e das periferias brasileiras, nesse artigo quero introduzir a necessidade de requalificar essa ideia a partir de uma constatação que me parece fundamental há algum tempo: os evangélicos (um contingente que representa, hoje, mais de 30% da população e caminha, segundos os cálculos dos especialistas, para se tornar maioria daqui a não muito mais do que duas décadas) são parte fundamental dessa equação e não é por estarem predestinados ao papel de “vilões” da política nacional, mas por comporem o quadro mais amplo dessas palavras de ordem (aparentemente tão mágicas quanto esvaziadas de concretude) que se tornaram sinônimos de saída para o nosso impasse. Os pobres, minoritários e a periferia no Brasil são hoje, e com o passar do tempo serão cada vez menos, indissociáveis dos evangélicos.

1 Um bom resumo analítico das percepções ideológicas dos atores sobre o colapso social e institucional brasileiro encontra-se no pequeno volume escrito por Nobre.

Uma outra questão premente do debate sobre os rumos da sociedade brasileira e que foi fundamental na ascensão do bolsonarismo ao poder e consequentemente nos trouxe ao cenário de terra arrasada em que nos encontramos política e socialmente é a questão que, a falta de expressão melhor, costumamos endereçar como violência urbana (ou sua contraparte estatal: a segurança pública). Como tentarei demonstrar, ambas as questões (ou seja, o crescimento demográfico dos evangélicos, sobretudo aqueles de matriz pentecostal e neopentecostal e a cada vez maior centralidade da questão da violência urbana na agenda da sociedade brasileira) não estão dissociadas, muito pelo contrário. Eles encontram-se entrelaçadas, seja na vida social das periferias metropolitanas do país e mesmo no turbilhão de fenômenos de subjetividade social que nos trouxeram até aqui.<sup>2</sup>

Com vistas a demonstrar essa que considero uma necessidade urgente do debate público brasileiro, qual seja a requalificação do significado que a palavra “evangélico” representa para os setores engajados da cena política nacional (bem como da suas relações indissociáveis com a questão da segurança pública), vou mobilizar uma perspectiva bastante particular, que arriscaria chamar, sem maiores preocupações teóricas e epistemológicas, de autoetnográfica. Explico. Conquanto eu jamais tenha integrado qualquer denominação religiosa evangélica, aquilo que vou expressar nas próximas páginas é a resultante de uma trajetória pessoal de alguém que cresceu nos subúrbios e periferias da Zona Norte do Rio de Janeiro e cuja profissão o leva todos os dias a uma escola municipal, localizada no Complexo do Chapadão, território fincado no entroncamento dessa mesma Zona Norte com a Baixada Fluminense. Com a dinâmica da expansão territorial (do ponto de vista simbólico e da própria geopolítica do crime no estado) do Complexo do Chapadão nos últimos anos, não seria falso dizer mesmo que vivi os meus primeiros dez anos de vida no que viria a ser esse território e muito próximo a ele até os vinte e dois anos de idade. Enquanto minha família permaneceu em bairro próximo e se concentra, de maneira mais ampla, pelo território que vai desde Guadalupe até Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, acabei por me mudar da região com essa idade e passei a dividir o meu tempo entre a Tijuca, bairro de classe média onde resido atualmente, e o Chapadão, oficialmente localizado no bairro da Pavuna, onde sou professor de História de centenas de jovens cuja idade oscila entre 11 e 18 anos.

2 Não parece fortuito, aliás, que ambos os fenômenos, ascendentes na vida social do país, tenham no Rio de Janeiro seus principais palcos iniciais. A caracterização do Rio de Janeiro como uma cidade violenta e entrecortada por territórios controlados por bandos armados (seja aqueles sob o domínio das facções do tráfico varejista de drogas ilícitas, seja aqueles sob o domínio das *milícias*, grupos paramilitares capitaneadas por ex-agentes de segurança) é bastante conhecida mundo afora e dispensa maiores explicações. Em relação ao pioneirismo evangélico, cabe ressaltar, além da significativa população evangélica na região metropolitana do estado (segundo o demógrafo José Eustáquio Alves Diniz, trata-se do estado mais avançado “no processo de transição religiosa”), que o Rio de Janeiro foi o primeiro estado a eleger governador e prefeito de capital de partidos cristãos. Cf. Diniz *et al.* (2022). O “clã” Bolsonaro não tem, aliás, outra origem política que não o próprio estado fluminense.

A dinâmica dessa circulação pela cidade que a minha trajetória pessoal tornou possível foi, em última análise, o impulso primeiro para que a caricatura que não raro é feita dos evangélicos, seja por progressistas ou mesmo liberais, tenha se dissolvido na minha percepção – e o fato de que eu conviva mais com evangélicos concretos do que com o estereótipo que se faz deles nas redes sociais ou nas mídias foi essencial para isso.<sup>3</sup> Não obstante, o texto que se seguirá não é resultado apenas do anedotário da minha vida particular. Apesar de estar longe de ser um especialista na matéria, cotizei os elementos da minha trajetória com os fatos e dados disponíveis a partir da literatura acadêmica especializada, na intenção de transformar o quê poderia ser apenas um testemunho impressionista num relato (auto)etnográfico mais crítico, ponderado entre a experiência singular e os construtos analíticos disponíveis sobre o Brasil dos últimos anos. Trabalho de domingo de um professor de ensino fundamental, o texto que se segue, longe de pleitear uma palavra definitiva sobre questões tão espinhosas quanto as mencionadas, tem como meta se juntar ao coro daqueles que demandam um maior refinamento e curiosidade no trato desses problemas, cujo discurso público a respeito parece saturado de convicções e preconceitos.

## Evangélicos

Há tantas convicções mobilizadas quando os evangélicos são mencionados no discurso público brasileiro que parece sempre necessário começar pelo desfazimento delas. Em livro recente (*Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*), o antropólogo Juliano Spyer, por exemplo, não hesitou em indicar esse fato ainda no subtítulo, sinalizando que o objetivo era esclarecer quem são os evangélicos e sinalizar a razão de sua importância. A diversidade e complexidade no interior desse setor do cristianismo brasileiro não costuma ser um dado de fato das conversas correntes e, em geral, o que ocorre é que ele é lido socialmente como se representasse um bloco homogêneo em termos de condutas sociais e posicionamentos políticos.<sup>4</sup> É bem verdade que essa percepção social não é gratuita. Concorre para que ela exista o fato de que a representação institucional evangélica dentro do estado brasileiro (a chamada “bancada evangélica”) seja hegemônica por figuras e lideranças cuja estratégia política e eleitoral está baseada na beligerância a favor do ultraconservadorismo moral e do populismo penal.<sup>5</sup> Contudo, essa hegemonia acaba por falsear uma base social que é menos conservadora (embora não deixe de sê-lo) e mais múltipla do que seus representantes. Da mesma maneira,

3 Como observou um dos decanos da antropologia urbana brasileira, Gilberto Velho, em sociedades contemporâneas complexas, como a brasileira, há um enorme contingente de não etnógrafos profissionais “observando, refletindo” e “estranhando o familiar”.

4 Há algumas décadas os preconceitos grassavam mesmo entre os pesquisadores e especialistas que se interessavam pelo fenômeno (aparentemente para denunciá-lo), como notou a socióloga Cecília Mariz.

5 Sobre a chamada “bancada evangélica”, cf. Dip.

o comportamento político-eleitoral desse grupo sociorreligioso tampouco é definido a priori tão somente por sua filiação religiosa, mas se constitui a partir de múltiplas referências, tal como ocorre com os demais grupos em qualquer sociedade.

Uma leitura que reduz os evangélicos ao clichê que se faz deles círculos e redes sociais progressistas e liberais já estaria enormemente equivocada se estivesse destinada aos muitos milhões de fiéis de uma religião centralizada – como é, por exemplo, o catolicismo sob a direção da Igreja Católica. Quando um tal juízo tem como objeto o cristianismo evangélico (cuja origem na Reforma Protestante não nos informa muito sobre as muitíssimas denominações protestantes existentes no país), ele se torna simplesmente descartável para compreender os movimentos da sociedade em todas as suas nuances e complexidades.

Quando o protestantismo à brasileira começa a ser esmiuçado de maneira mais detalhada e atenta, começamos a perceber imediatamente que tratar aquilo que convencionamos como “evangélicos” como uma identidade não chega sequer a ser um erro, pois não é nem sequer uma tentativa de compreensão. Do protestantismo histórico às três ondas do pentecostalismo no Brasil,<sup>6</sup> todo um multiverso de filiações religiosas, códigos de conduta, práticas sociais, posicionamentos políticos e morais, interesses culturais se desdobram diante de nós conforme vamos substituindo os evangélicos da generalização pelas pessoas de carne e osso.

Essa, aliás, é uma boa descrição da minha própria experiência de percepção particular. Criado numa família católica “por default” (por assim dizer, pois não havia qualquer consistência prática e doutrinária e a ida a centros espíritas era talvez até mais frequente que a missas), a imagem dos evangélicos que eu cultivei nas primeiras duas décadas de vida era distante e relativamente preconceituosa – a referência feita em família aos “bíblias” não era exatamente um veto social, mas tampouco representava admiração, indexando os evangélicos como pobres coitados a quem dedicávamos uma condescendência bem-humorada. Na década de 1990 quando isso acontecia, aliás, a presença dos evangélicos ainda era bastante rarefeita (eles conformavam apenas 9% da população), fato que ajuda a contextualizar melhor o tratamento dispensado a eles por parte da minha família.

Nas últimas décadas a situação mudou completamente. Na calda longa do talvez mais importante processo social do país no último século, a colossal migração de massas do Norte e Nordeste para o Sudeste – processo que inverteu a própria tendência do país do rural para o urbano a partir da segunda metade do século xx – delineou-se algo que especialistas vem designando como *transição religiosa*,<sup>7</sup> fenômeno que a longo prazo vai resultar no fim da multissecular hegemonia católica entre as religiões no Brasil. A capacidade de acolhimento social e organização das denominações protes-

6 Para uma história do pentecostalismo e de suas três ondas formativas, cf. Freston.

7 Cf. Diniz *et al.*

tantes tem muito a ver com essa mudança, uma vez que a centralização institucional do catolicismo, bem como o seu rigor formativo, tornou impossível acompanhar a proliferação tão numerosas em denominações quanto em igrejas abertas – um fenômeno observável com facilidade em qualquer metrópole brasileira. Progressivamente o catolicismo vai perdendo a disputa pelos mais pobres, já que tanto sua presença física, quanto sua organização privilegiam setores mais elitizados da sociedade.<sup>8</sup>

A disseminação do cristianismo evangélico em suas diversas expressões institucionais mudou (e deve continuar mudando) as periferias das metrópoles brasileiras e introduziu nelas uma dinâmica cultural cada vez mais carregada com suas características particulares, insinuando-se nas formas de vestir, falar, festejar, entre tantas outras. E não se trata apenas de identificar expressões da identidade do cristianismo evangélico, mas de perceber como a sua expressão cultural permeia a vida social, transbordando da religião para territórios tão (supostamente) insólitos aos não iniciados na vida periférica metropolitana quanto o funk proibidão – nos quais não é raro menções a armas, dinheiro, poder e violência serem colmatadas com referências à “blindagem” fornecida pelo sangue de Jesus Cristo.<sup>9</sup>

O espraiamento dessa nova dinâmica religiosa e cultural pelos territórios metropolitanos e sua população nas últimas décadas é uma realidade demográfica incontornável no Brasil do século XXI. Mais do que isso, essa realidade é também um movimento tendencial que aponta para o futuro da estrutura da própria sociedade brasileira. Enquanto o catolicismo é mais popular entre as pessoas com mais de 40 anos, os evangélicos são mais populares entre jovens e crianças. Soma-se a isso também as informações demográficas baseadas na cor da pele, por exemplo, uma vez que os evangélicos demonstram enorme importância no panorama racial com presença de pretos e pardos entre eles sendo muito significativas (chegando, por exemplo, a 60 % dos pentecostais) e ganhamos mais elementos para aquilatar a enorme importância desse fenômeno na sociedade brasileira do século XXI (Spyer 77). Como assinalou há alguns anos a antropóloga Clara Mafra, o avanço evangélico pelas periferias e fronteiras do país está em via de recalibrar a diversidade religiosa do país, tornando “os pressupostos de uma religiosidade cristã ‘em fluxo’”, cujo vórtice estaria na espiritualidade pentecostal, “referentes de nosso senso comum, atravessando divisões de classe, de gênero, de idade, de região, de centro e periferia” (“Números e narrativas”).

O quê produz, entretanto, essa nova conjuntura e mesmo estrutura de país? O quê impulsiona o crescimento evangélico como filiação religiosa, sobretudo entre os pobres e negros nas metrópoles do país? Essas questões vem animando diversos

8 Um indicativo da preocupação católica com o avanço evangélico é a própria diferenciação interna da instituição no país, com o crescimento do movimento da Renovação Carismática Católica, que tem, inclusive, aproximação com alguns elementos do pentecostalismo. Cf. a esse respeito Prandi (principalmente 123-142).

9 Cf., por exemplo, “Vida bandida” (2009) interpretada pelo MC Smith. Segundo os especialistas no tema, a autoria da música é desconhecida, sendo de 2009 a versão de referência disponível no YouTube. Cf. Facina, Tamborção (238-243), e o link <https://youtu.be/e10ZyKrgmT4>.

pesquisadores e intelectuais há algumas décadas e algumas linhas de força já podem ser vislumbradas com alguma segurança.

Em primeiro lugar, as redes de proteção social e relações pessoais forjadas pelas igrejas evangélicas constituem parte importante da explicação dessa ascensão. Nas periferias das grandes cidades brasileiras elas cumprem função destacada em oferecer amparo a migrantes recém-chegados nos bairros e vizinhanças das periferias, cumprindo enquanto comunidades o papel que as famílias dessas pessoas cumpriram outrora e contribuem para a estabilização da vida das demais pessoas desses territórios – fazendo as vezes do próprio estado ao prestar serviços como o do cuidado, capacitação e incentivo da formação de crianças e adolescentes –, além de saírem em seu auxílio quando estas são confrontadas com problemas econômicos (as redes de relacionamento pessoal evangélicas são, por exemplo, garantia de acesso a empregos que de outra maneira seriam inalcançáveis para moradores de favelas e periferias sem os vínculos pessoais com as redes das igrejas evangélicas)<sup>10</sup> e com as agruras e sofrimentos da vida nos bairros periféricos das grandes cidades, dentre os quais se destacam a pobreza e a violência armada (policial e criminosa), fornecendo conforto espiritual para as vítimas e uma possível porta de saída do “mundo do crime” para aqueles que se envolveram em atos e organizações ilegais. Desse modo, um dos vetores de crescimento do cristianismo evangélico pode ser explicado por uma presença muito capilarizada e atuante nesses territórios.

De uma perspectiva teológica, uma das ênfases das denominações evangélicas, principalmente as neopentecostais, é a da *teologia da prosperidade*, uma ética econômica voltada para o mundo e na qual possuir bens, desfrutar de serviços e ascender financeiramente são interpretadas como sinais da ação de Deus na vida do fiel. Longe da ética protestante e da ética da providência do pentecostalismo clássico, a teologia da prosperidade se fundamenta na produção de uma “disposição empreendedora de quem almeja se tornar o patrão nas relações de trabalho”. Essa matriz teológica não apenas dá sentido às ações, mas incentiva e anima, afastando a desistência e o desânimo. Diante de um país profundamente desigual social e economicamente, a prosperidade neopentecostal toma as desigualdades como algo naturalizado e adapta o fiel a triunfar em meio às relações sociais desiguais (Almeida 40-43).

Ainda do ponto de vista de suas características teológicas, a própria experiência da religiosidade (neo)pentecostal fornece uma boa explicação para o recrudescimento das igrejas dessas filiações. Dotado de uma “teologia acentuadamente dualista” (representada pela guerra eterna entre Deus e o Diabo), como explica o sociólogo Ricardo Mariano, o pentecostalismo fornece um quadro explicativo simples para que os fiéis possam apreender o seu mundo e a própria vida, estabelecendo causas e conexões entre seus sucessos e fracassos, respectivamente, a Deus e ao Diabo.

10 É o que lemos, por exemplo, na etnografia de Wania Mesquita sobre a religiosidade pentecostal nas favelas de Campos dos Goytacazes no Norte Fluminense.

Do ponto de vista da experiência religiosa, o neopentecostalismo contém hibridizações, homologias e isomorfias com a religiosidade católica popular e até mesmo com as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé, incorporando práticas dessas outras religiões na disputa “no mercado de soluções simbólicas e prestações de serviços religiosos para as massas”. Constam entre essas práticas: tranSES (sem os quais um dos elementos distintivos do pentecostalismo – a glossolalia, o falar em línguas estranhas – não existiria), possessões, exorcismos, venda de objetos ungidos (driblando a idolatria) e mesmo a organização do cronograma das igrejas de maneira a espelhar o funcionamento dos terreiros de umbanda (com as noites sextas-feiras, dia e horário das giras de Exu, sendo o dia nos quais as cerimônias de despossessão são marcadas em algumas denominações evangélicas; nelas os mesmos Exus que estariam naquele momento se manifestando nos terreiros, seriam invocados para serem expulsos dos corpos das pessoas presentes aos cultos). Segundo o mesmo sociólogo, essas características do neopentecostalismo encerram uma estratégia de reapropriação sincrética que é “intencional, estudada” e “encerra claro propósito proselitista” (Mariano 127-137).

Por fim, mas não menos importante, cabe destacar a enorme atuação e penetração midiática das religiões evangélicas, no rádio e principalmente na televisão, sobretudo entre os neopentecostais. Desde a década de 1970, o televangelismo se multiplicou no país, com diversos programas de pastores e programações inteiras de igrejas em diversos canais, num processo que encontrou seu ápice na aquisição da TV Record pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em 1989. A TV Record, hoje, não apenas é a segunda maior emissora televisiva do Brasil, mas na esteira do seu processo de internacionalização chegou a se tornar a rede de maior audiência em países do continente africano, como Angola.<sup>11</sup>

Todos esses fatores concorrem para contextualizar a ascensão dos evangélicos enquanto força política, social, cultural e demográfica no Brasil. Embora isolados eles não expliquem plenamente o processo pelo qual a própria estrutura demográfica e religiosa do país vem sendo profundamente alterada, reunidos eles encaminham uma boa descrição desse processo e produzem um quadro em que a compreensão da adesão ao protestantismo em suas diversas matrizes se tornou possível naquele que está em via de deixar de ser o maior país católico do mundo.

Na minha trajetória pessoal e profissional testemunhei muitas vezes vetores resultantes desse processo. A minha circulação fora dos muros da escola no Chapadão, por exemplo, se tornou mais segura e era até mesmo facilitada pela presença de um pastor evangélico do território entre os professores da escola. Professor de

---

11 Esse crescimento não se deu sem o apoio dos governos de turno nas últimas duas décadas. Assim, se hoje o governo Bolsonaro mobiliza o vice-presidente da república, o general da reserva Hamilton Mourão, para interceder junto ao governo angolano diante da crise aberta entre o governo e a IURD, no passado a emissora recebeu apoio entusiasmado dos governos petistas. Cf. Charleaux, Dip (70-74) e Birman e Machado.



Geografia, ex-militante do Partido dos Trabalhadores (PT) e morador do Chapadão, durante décadas ele trabalhou na escola para a qual fui designado em 2013. Em vários momentos de necessidade foi o trânsito privilegiado desse professor que permitiu a mim, a outros professores e até mesmo ao corpo diretivo da instituição, um conhecimento mais preciso do território e a possibilidade de circular para além das barricadas do tráfico (hoje a escola já se encontra além das barricadas). Não foram poucas as vezes em que, na carona dele, fui cumprimentado por jovens armados em carro ou a pé (em algumas ocasiões os jovens envolvidos no tráfico de drogas ilegais chegaram a dar ré por não terem cumprimentado “o pastor”).<sup>12</sup> Numa outra oportunidade, conseguimos, graças a ele e seu conhecimento do e no território, visitar uma aluna que havia sido baleada num confronto armado entre policiais do 41º Batalhão da Polícia Militar e os traficantes. A capacidade de articulação desse pastor-professor em meio ao labirinto da violência urbana fluminense, além de ter guiado meus caminhos, nos encaminha para o nosso próximo ponto: a mudança no padrão de sociabilidade ocorrido no Rio de Janeiro nas últimas décadas e sua conexão direta com a questão da violência urbana.

## Sociabilidade violenta

Nas últimas décadas uma das grandes transformações ocorridas no Brasil urbano foi o deslocamento para o primeiro plano do assunto da violência urbana e da segurança pública. O aumento considerável e sustentado dos índices de crimes violentos contra a pessoa ou o patrimônio desde o fim da década de 1970 e início da década de 1980<sup>13</sup> transformou a paisagem social e política do país a tal ponto que pode ser considerado um dos principais vetores da ascensão de Jair Bolsonaro ao poder e à consolidação do bolsonarismo como um movimento político e social de grande monta no cenário brasileiro.

Desde o início desse processo de explosão da violência foi acompanhada de numerosos debates públicos e acadêmicos.<sup>14</sup> Enquanto os primeiros parecem ter girado desde então em torno do próprio rabo, não superando um arcabouço de soluções populistas e punitivistas, os debates acadêmicos tem conseguido captar importantes tendências sociais, antecipando a gravidade que essas transformações acabaram por

12 A mudança no padrão religioso dos traficantes de drogas ilegais nas favelas do Rio de Janeiro é um dos focos do importante trabalho da socióloga Christina Vital da Cunha. Cf. Vital da Cunha (principalmente 323-411).

13 Cf. Coelho.

14 Cabe ressaltar aqui que o termo *violência* designa, a um só tempo, a violência que poderíamos chamar de criminosa e também a violência policial e estatal. Em 2015 a *Anistia Internacional* divulgou relatório no qual o Brasil figurava em primeiro no número geral de homicídios e também quanto à letalidade de suas forças policiais. O Rio de Janeiro ocupa posição privilegiada nesse infeliz ranking: em 2018 sua polícia matou três vezes e meia mais do que qualquer outra força policial no país. Cf. Mazza, Rossi e Buono.

produzir no país.<sup>15</sup> Enquanto o debate público ficou preso às lamentações sobre a “falta do estado” e a necessidade de “retomar” territórios perdidos para as facções armadas – as soluções mais liberais e progressistas –, quando não descambou para a demanda pela concessão de licença para torturar e matar por parte das forças policiais (veio intensamente explorado pela direita populista brasileira e, posteriormente, pela extrema direita bolsonarista),<sup>16</sup> as ciências sociais brasileiras avançaram importantes e inovadoras abordagens do tema, conseguindo produzir descrições da realidade capazes de alterar profundamente a compreensão e os termos do problema.<sup>17</sup>

Uma dessas potentes interpretações foi a detecção, por parte do sociólogo carioca Luiz Antonio Machado da Silva, de uma profunda mudança no padrão de sociabilidade produzida pela dinâmica da violência urbana no Rio de Janeiro.<sup>18</sup> Recusando a interpretação dominante disponível por seu equívoco em considerar que o único universo de sentido possível para a violência urbana fosse o próprio enquadramento formal-legal (ou seja, o enquadramento do próprio estado), Machado da Silva passou a pensar a violência urbana como uma representação social e insistiu que nas “grandes cidades brasileiras [estava em] [...] adiantado processo de consolidação, no âmbito das rotinas cotidianas, uma ordem social cujo princípio de organização cujo princípio de organização é o recurso universal à força” (194-195). Para o sociólogo, a violência se transformava “de meio de obtenção de interesses [...] em centro de um padrão de sociabilidade em formação que não se confronta com a ordem estatal, mas que lhe é contíguo” (202).

A tendência captada por Machado da Silva, ainda no início dos anos 2000 (mas que já estava esboçada nos seus escritos desde a década de 1970), se tornou uma das ideias-força a orientar o debate das ciências sociais sobre a violência urbana no país e resultados de outras pesquisas nas últimas duas décadas tem fortalecido a percepção segundo a qual o incremento pronunciado e sustentado das cifras da violência nas metrópoles brasileiras não se restringiu ao aspecto numérico, mas produziu uma inflexão no próprio arranjo do tecido social a partir das periferias e favelas.<sup>19</sup>

Em São Paulo, por exemplo, as pesquisas do sociólogo Gabriel Feltran iluminaram o modo como a expansão do “mundo do crime”<sup>20</sup> (leia-se: a expansão do poder do

15 Um bom levantamento da produção das ciências sociais sobre o tema nas últimas duas décadas pode ser encontrada em da Silveira Campos e Alvarez.

16 Um dos slogans mais intensamente propagandeados por Jair Bolsonaro ao longo das últimas décadas foi “bandido bom é bandido morto” e, mais recentemente, na direita bolsonarista passou-se a adotar a expressão “CPF cancelado”, numa referência ao cancelamento documental da existência das vítimas fatais da violência policial.

17 Uma interpretação importante que parte da realidade social do Rio de Janeiro, mas que não será abordada nesse texto, é a de Michel Misse.

18 Cf., entre outros, “Violência urbana: representação de uma ordem social” (1976), “Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano” (2004) e “Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual” (2010), em Machado da Silva (176-186; 187-209; 297-325).

19 Uma crítica que não deixa de reconhecer a validade da noção de sociabilidade violenta, mas a requalifica por incluir a perspectiva dos próprios “portadores” da sociabilidade violenta e sua própria gramática moral, algo que estava ausente e chega mesmo a ser negado nos escritos de Machado da Silva, é Lyra, *A república* (19-37). Cf. também Lyra, “Conflitos de lealdade”.

20 Cf. Feltran, *Fronteiras de tensão* (65-188).

Primeiro Comando da Capital, o PCC) não apenas produziu sociabilidades próprias, mas também, pouco a pouco, passou a ser uma fonte alternativa de legitimidade social em relação ao aparelho estatal, fornecendo proteção e tornando-se instância reguladora de conflitos através da violência armada legitimada desde a perspectiva dos moradores desses territórios.<sup>21</sup>

Essas transformações, nos informam tanto Machado da Silva quanto Feltran, são contemporâneas e compõem o cenário de uma sociedade que enfrentava o desgaste final da crise de um modelo de integração social,<sup>22</sup> qual seja o projeto coletivo de mobilidade social ancorado no trabalho (industrial), na família e na própria religiosidade católica, paulatinamente substituído por um novo modelo calcado no empreendedorismo individualista e na ascensão do neopentecostalismo, sobretudo nas periferias. É nos interstícios dessa troca de modelo que o mundo do crime e sua sociabilidade violenta se expandem e passam a ser geridos e contidos pelo estado através da violência e do extermínio. A organização da percepção e diferenciação dos próprios moradores das periferias e favelas entre “trabalhadores” e “bandidos”<sup>23</sup> (a que Feltran classifica como tradução da “fratura social brasileira”) torna-se borrada, seja desde a perspectiva da gestão estatal, seja da perspectiva dos próprios cidadãos (“Transformações sociais”).

Assim, ainda que a perspectiva de ambos os autores não seja exatamente coincidente, ambos indicam uma mudança na configuração social das periferias e favelas que paulatinamente se espriam pela sociedade, transformando as subjetividades sociais e reorganizando a vida social brasileira de acordo com essa nova dinâmica e sua fratura social correspondente. Essa mudança no padrão das sociabilidades pode ser melhor compreendida a partir de um exemplo da minha própria experiência no Chapadão.

No ano de 2017, um aluno de 14 anos do 7º ano, após ser chamado a atenção por funcionários por seu comportamento após uma briga entre duas meninas durante um dos horários de recreio, desferiu um soco numa das inspetoras da escola. Ato contínuo, passou a ameaçar os presentes com uma faca que havia levado de casa na mochila, provocando medo e pânico nos professores, funcionários e alunos da escola que presenciaram a ocorrência. A notícia rapidamente correu a escola e mesmo os alunos e professores que estavam em suas salas naquele momento passaram a temer pelo que poderia acontecer. Em poucos minutos a informação já circulava fora dos muros da escola, com pais assustados acorrendo até a escola preocupados com a integridade dos próprios filhos. Um impasse se estabeleceu, uma vez que o aluno permanecia armado e ameaçador e a guarda municipal ou polícia militar não atendem

21 A própria queda pronunciada dos homicídios no estado de São Paulo durante a década de 2000 poderia ser explicada, segundo Feltran, pela ascensão do PCC e conseqüente pacificação do mundo do crime (Feltran, “Crime e castigo”).

22 Sobre o esgotamento desse modelo de integração social baseado no trabalho industrial, cf. Cocco.

23 Esse par categorial e seu funcionamento na vida social foram teorizadas primeiramente, para um contexto e épocas distintos em Zaluar (132-172).

chamadas da escola ou mesmo de qualquer localidade do território, controlado por jovens armados ligados ao Comando Vermelho (CV).

Por mais que a ocorrência por si só seja digna de nota e indique a violência difusa dos comportamentos juvenis nas periferias e favelas, o que nos interessa é o modo como o conflito foi solucionado. Assim como os responsáveis dos alunos, em pouquíssimo tempo várias pessoas ligadas à facção criminosa também acorreram até à escola. Desarmados, por solicitação de funcionários e responsáveis, vários deles entraram na instituição e rapidamente controlaram a situação. A mera menção da sua presença, ainda fora da escola, já havia sido capaz de pacificar o aluno.

Rapidamente, foi organizado uma espécie de tribunal no qual seriam avaliadas as responsabilidades pela ocorrência, incluindo-se aí o papel desempenhado pelo diretor adjunto da escola, sobre o qual recaía a suspeita de haver provocado a reação do aluno por tê-lo supostamente agredido. Naquele dia não houve mais aula e eu mesmo subi para liberar os alunos no exato momento em que os membros da facção entravam na escola. Muitos estavam com medo e seus pais já aguardavam fora da escola para os acompanharem até em casa. Muitos outros, entretanto, não pareceram afetados pelas presenças inusitadas. Uma mulher, que depois eu soube ser respeitada membro do tráfico local passou, inclusive, a discursar perante os alunos sobre a importância da escola, enfatizando que aquele tipo de comportamento era inadmissível.

O resultado do julgamento, que passou a contar, em dado momento, com funcionários da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), decidiu que o diretor adjunto nada havia feito de errado. Enquanto a burocracia estatal decidiu pela exclusão do aluno do quadro discente vinculado à prefeitura do Rio de Janeiro (ele agora teria de se matricular em outra rede, possivelmente em São João de Meriti, município fronteiriço próximo à escola), a deliberação do tráfico foi a de que o aluno não deveria mais se aproximar da escola (recomendação-ameaça que ele chegou a descumprir um par de vezes, aterrorizando a funcionária agredida por ele, o que culminou no afastamento dela por quase dois anos por razões de saúde mental). Assim aquele dia caótico foi encerrado, deixando como vítima apenas a funcionária agredida – algo que, em dado momento, parecera improvável.

Esse episódio contém vários traços dessa mudança de sociabilidade de que vimos falando até aqui. Enquanto há algumas décadas o narcotráfico disputava a possibilidade de ter influência sobre o território e suas instituições, como a escola,<sup>24</sup> a experiência aqui narrada revela a posição da facção criminosa como reguladora da violência, fazendo as vezes de polícia e do próprio judiciário, chegando a, de certa forma, compartilhar com a burocracia administrativa da secretaria municipal de educação a formulação de uma solução para o caso. Da mesma forma um certo padrão de relação dos mo-

24 Nesse sentido vale a pena conferir o relato e a pesquisa de Eloísa Guimarães sobre o “sítio” a uma escola municipal do Rio de Janeiro por galeras e o próprio narcotráfico no início da década de 1990. Cf. Guimarães (37-78).

radores com os traficantes e sua organização é descortinado, demonstrando como esses últimos passam a figurar como alternativa legítima a quem recorrer diante de um conflito (que naquele caso era violento e potencialmente trágico).

### **À guisa de conclusão: a centralidade das periferias metropolitanas no Brasil contemporâneo**

Os dois temas aos quais nos referimos até aqui tem em comum o fato de serem resultado da expansão, nas últimas décadas, das presenças, por um lado, de uma nova sociabilidade religiosa evangélica, pentecostal e neopentecostal sobretudo, e por outro da emergência de uma sociabilidade violenta cuja dinâmica irradiadora foi a violência urbana e o conflito violento entre o aparelho policial estatal e as facções criminosas.<sup>25</sup> Eles passaram a compor e determinar a nova configuração social das periferias e favelas, estabelecendo também relações ambivalentes entre ambos.

Assim, a boa relação com os traficantes que dota o professor-pastor mencionado de maior capacidade de articulação e trânsito no território é a contraparte de um diagrama de forças que ora põe o mundo do crime e a presença neopentecostal como “aliados”<sup>26</sup> e ora se desdobra em uma relação na qual a conversão ao pentecostalismo é a “porta de saída” para o mundo do crime, ocasião na qual a dinâmica entre eles passa a ser de oposição consentida: a saída do crime é facilitada pela conversão religiosa porque a igreja se torna a grande fiadora do processo, garantido assim uma saída segura para o agora “ex-bandido” (Freire e Pinheiro Teixeira 131-136).

Essa nova configuração social, todavia, não termina aí. A ambivalência dessas relações entre as religiões e igrejas evangélicas e o mundo do crime não se detém na oposição consentida travada nos territórios controlados pelo crime, mas se estende, tornando-se, de fato, um verdadeiro antagonismo nas arenas do debate público onde o mundo do crime é associado à ação do diabo na vida de milhões de homens e mulheres jovens e pobres (Freire e Pinheiro Teixeira 141-143). Esse antagonismo é, aliás, o quê credencia essas organizações religiosas e seus agentes como pessoas capazes de conduzir os envolvidos com o mundo do crime para fora do seu labirinto de violência e extermínio. Aqui, então, reencontramos a representação política hegemônica dos evangélicos mobilizada e recebendo os dividendos eleitorais por sua

25 Importante ressaltar que a dinâmica desse conflito violento varia de acordo com os *modus operandi* mais ou menos beligerantes das facções a controlar cada território e da lógica da prática do *arrego*, ou seja, das negociações entre os traficantes e policiais envolvendo dinheiro em troca da garantia do funcionamento do negócio do varejo de drogas e outras práticas ilegais, como o roubo de cargas e automóveis. Na região da escola onde trabalho, quase 80% dos tiroteios envolvendo agentes de segurança no ano de 2019 foram registrados no território controlado pelo CV, enquanto apenas pouco mais de 20% foram contabilizados na área dominada pelo Terceiro Comando Puro (TCP). Cf. Rodrigues (206).

26 A devoção religiosa pentecostal de alguns traficantes têm levado, inclusive, no Rio de Janeiro à formação de territórios nos quais o traço religioso faz parte da própria identidade do movimento armado que controla o território, como é o caso do “Complexo de Israel”, conjunto de cinco favelas que abriga uma população de mais de 130 mil pessoas na Zona Norte do Rio de Janeiro. Cf. Alessi.

adesão a discursos ancorados no populismo e no punitivismo penal e mesmo na glorificação do extermínio.

Diante dessas constatações sobre a dinâmica das subjetividades sociais na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XXI é que podemos reinterpretar e complexificar tanto a posição dos evangélicos como “culpados” pela catástrofe bolsonarista, quanto aquilatar a importância das periferias metropolitanas na história recente do país. Como notaram os analistas dos dados eleitorais de 2018, além do antipetismo e de uma maioria consolidada do voto evangélico, Jair Bolsonaro teve também uma esmagadora maioria nas grandes cidades e metrópoles brasileiras. Nas 38 cidades com mais de 500 mil habitantes, Bolsonaro venceu em 30, o quê, de acordo com o cientista político Jairo Nicolau, representa “um feito histórico nunca alcançado por outros candidatos de direita antes dele” (111-120; Moura e Corbellini). À guisa de informação anedótica, tive acesso a alguns recibos eleitorais emitidos pelas urnas eletrônicas utilizadas na escola onde trabalho e em nenhum deles ele obteve menos de dois terços dos votos, padrão que se repetiu na maioria das periferias das metrópoles brasileiras, sobretudo nas regiões mais densamente povoadas como o Sudeste.

Não é fortuito, portanto, que o voto bolsonarista tenha se revelado esmagador ali onde a influência da sociabilidade violenta e a presença das igrejas evangélicas são mais destacadas. Embora a adesão evangélica ao bolsonarismo nas eleições de 2018 seja inegável, outros componentes como o antipetismo e as questões específicas da vida metropolitana – sendo a maior delas sem dúvida a questão da violência urbana – parecem ter desempenhado papel tão ou mais relevante. Na síntese de múltiplas determinações que configuram o real da sociedade brasileira contemporânea convém esforçar-se para compreender melhor a dramática situação das periferias e favelas, sobretudo quando, depois de uma década e meia de governos progressistas, os seus problemas econômicos, como o desemprego e o endividamento, bem como a rotina de quem parece viver sob o cerco armado de uma guerra de baixa intensidade se deterioraram ainda mais, com a crise econômica após 2015 e a falência de projetos como as UPPs no Rio de Janeiro.

Diante do drama cotidiano de uma guerra sem fim e da corrupção generalizada – não apenas nos altos escalões do governo, mas na sua própria porta, onde policiais e traficantes negociam os *arregos* em plena luz do dia –, a adesão a uma comunidade religiosa que fornece conforto, proteção econômica e social e mesmo segurança é uma estratégia social mais do que legítima e o embarque numa aventura de extrema direita, que se apresenta como portadora da novidade e parece compromissada, pela sua contundência virulenta, em encerrar a guerra que os aflige se torna compreensível. Na gramática moral de incontornável matriz religiosa de milhões de brasileiros era difícil imaginar que o Messias pudesse ser o diabo.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Percepção que parece ter mudado ao longo dos últimos três anos, como nos informam as recentes pesquisas de intenção de votos para 2022. Em nenhuma delas, até o momento em que escrevo, em agosto de 2021, Bolsonaro

## Referências

- Alessi, Gil. “A ascensão do ‘narcopentecostalismo’ no Rio de Janeiro”. *El País*, 26 mar. 2021. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-27/a-ascensao-do-narcopentecostalismo-no-rio-de-janeiro.html>.
- Almeida, Ronaldo de. “Deus acima de todos”. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019, pp. 35-51.
- Birman, Patrícia e Carly Machado. “A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 27, nº 80, 2012, pp. 55-69.
- Charleaux, João Paulo. “‘Apoio evangélico a Bolsonaro não é mais o mesmo’. Entrevista com Ronaldo Almeida”. *Nexo*, 23 jul. 2021, <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2021/07/23/%E2%80%98Apoio-evang%C3%A9lico-a-Bolsonaro-j%C3%A1-n%C3%A3o-%C3%A9-mais-o-mesmo%E2%80%99>.
- Cocco, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na crise do capitalismo global*. São Paulo, Cortez, 2012.
- Coelho, Edmundo Campos. “A criminalidade urbana violenta”. *A oficina do diabo e outros estudos sobre criminalidade*. Rio de Janeiro, Record, 2005, pp. 351-415.
- Diniz, José Eustáquio Alves et al. “Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil”. *Tempo Social*, vol. 29, nº 2, 2017, pp. 215-242.
- Dip, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2019.
- Facina, Adriana. *Tamborzão: olhares sobre a criminalização do funk*. Rio de Janeiro, Revan, 2013.
- Feltran, Gabriel Santis. “Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo”, exposição no I Encontro Nacional de Antropologia do Direito, USP, 2009.
- . “Crime e castigo na cidade: os repertórios de justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo”. *Cadernos CRH*, vol. 23, nº 58, jan./abr. 2010, pp. 59-73.
- . *Fronteiras de tensão; política e violência nas periferias de São Paulo*. Editora Unesp/CEM/CEBRAP, 2011.
- Feltran, Gabriel Santis e Neiva Vieira da Cunha, organizadores. *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, Lamparina/Faperj, 2013.
- Freire, Jussara e César Pinheiro Teixeira. “Sociabilidade violenta, o bandido e Deus: considerações sobre a gramática da violência urbana”. *Dilemas: revista de estudos do conflito e controle social*, Rio de Janeiro, vol. 12, nº 1, jan./abr. 2019, pp. 124-150.

---

vence Lula entre os evangélicos, que chega a liderar por quase dez pontos percentuais em algumas delas. Essa realidade eleitoral, infelizmente, parece prestes a varrer para debaixo do tapete as condições de possibilidade do bolsonarismo e sua ameaça constante ao regime democrático. Continuar ignorando as condições da vida social metropolitana que nos trouxeram até aqui parece uma receita para nos levar a uma situação ainda mais explosiva política e socialmente.

- Freston, Paul. "Breve história do pentecostalismo brasileiro". Orgs. Alberto Antoniazzi et al. *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994, pp. 67-159.
- Guimarães, Eloísa. *Escolas, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2003.
- Lyra, Diogo. *A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro, Mauad X/Faperj, 2013.
- . "Conflitos de lealdade e princípios de coesão social entre jovens traficantes do Rio de Janeiro: algumas considerações". *Sobre periferias: novo conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lamparina/Faperj, 2013, pp. 49-68.
- Machado da Silva, Luiz Antonio. *Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas*. Rio de Janeiro, Mórula, 2016.
- Mafra, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- . "Números e narrativas". *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, nº 24, jul./dez. 2013, pp. 13-25.
- Mariano, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 2014.
- Mariz, Cecília. "Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo". *Revista de Cultura Teológica*, nº 13, 1995, pp. 37-52.
- Mazza, Luigi, Amanda Rossi e Renata Buono. "A polícia que mais mata". *Piauí*, 26 ago. 2019. <https://piaui.folha.uol.com.br/policia-que-mais-mata/>.
- Mesquita, Wania. "Religiosidade pentecostal e ordem violenta em favelas na cidade de Campos de Goytacazes". Orgs. Gabriel Santis Feltran e Neiva Vieira da Cunha. *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lamparina/Faperj, 2013, pp. 118-131.
- Misse, Michel. "Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro". *Civitas*, vol. 8, nº 3, pp. 371-385.
- Moura, Maurício e Juliano Corbellini. *A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. Rio de Janeiro, Record, 2019.
- Nicolau, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.
- Nobre, Marcos. *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo, Todavia, 2020.
- Prandi, Reginaldo. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1998.
- Rodrigues, Eduardo de Oliveira. "Necropolítica: uma pequena ressalva crítica à luz das lógicas do arrego". *Dilemas: revista de estudos do conflito e controle social*, vol. 14, nº 1, jan./abr. 2021, pp. 189-218.
- Silveira Campos, Marcelo da e Marcos César Alvarez. "Políticas públicas de segurança, violência e punição no Brasil (2000-2016)". Orgs. Sérgio Miceli e Carlos Benedito Martins. *Sociologia brasileira hoje*. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2017, pp. 143-217.



- Spyer, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo, Geração Editorial, 2020.
- Velho, Gilberto. "Observando o familiar". *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013, pp. 69-79.
- Vital da Cunha, Christina. *Oração de traficante: uma etnografia*. Rio de Janeiro, Garamond, 2015.
- Zaluar, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985.